



[OPOSTOS IGUAIS - Anápolis City, São Carlos e Bairro Escala. Três regiões bem diferentes, mas que convivem com as mesmas deficiências de infra-estrutura]

Muda a realidade econômica, mas os problemas são iguais

Letícia Jury

Vitalina Rosa da Silva, Nathália Ferreira, Antônio Justino Filho, Terezinha Lopes são quatro moradores de Anápolis, que embora apresentem diferenças de poder aquisitivo, enfrentam o mesmo problema: a ausência de asfalto. As duas primeiras residem no bairro Anápolis City, enquanto os dois últimos moram nos bairros São Carlos e Escala.

Moradora há 10 anos na rua S-68, III Etapa do Anápolis City, Vitalina Silva reclama dos incômodos causados pela ausência de asfalto, “muita lama na época das chuvas e muita poeira na seca”. Ela detalha que por inúmeras vezes funcionários da Prefeitura foram até o local para fazer a medição e em seguida começar a pavimentação. “Apenas promessas, nada de concreto aconteceu”, critica.

Ela diz ainda que recentemente os moradores se reuniram, fizeram um abaixo-assinado, que foi encaminhado aos órgãos competentes, que solicitava o benefício do asfalto. No entanto, obteve a resposta de que por ser um

bairro “fechado, espécie de condomínio residencial, os moradores é que deveriam arcar com essa despesa”.

Segundo Vitalina Silva, a etapa em que reside não se configura um “condomínio fechado”, por isso tais argumentos são inválidos. A moradora reclama também, além da ausência do asfalto, do ‘matagal’ que toma conta dos lotes próximos a sua residência e da falta de segurança. “A noite ninguém sai de casa, pois é perigoso ser assaltado. E temos um cachorro pastor alemão para proteger a casa”, detalha.

Outra moradora do bairro, que também reclama da infraestrutura é Nathália Ferreira. Ela que mora há dois anos no bairro conta que sua residência já foi assaltada por três vezes, e que a família decidiu investir em cerca elétrica e portões trancados o dia todo. Além da poeira, neste período seco, ela reclama dos buracos que se formam na rua durante as chuvas. “Não tem como entrar com o carro na garagem de tanta lama e buraco”, lamenta.

Basta andar pelas ruas da III Etapa do Anápolis City

para observar que muitos moradores estão insatisfeitos. Inclusive há muitas casas e lotes com placas que indicam que estão “a venda” ou para alugar. De acordo com um proprietário de uma casa no bairro, que não quis se identificar, o seu imóvel está para alugar há mais de ano, e não encontra inquilino por causa das condições de trafegabilidade da rua.

SEMELHANÇA

Morador da avenida Perimetral, na II Etapa do São Carlos, Antônio Justino Filho reside no local desde 1992, e assim como as moradoras do bairro de luxo Anápolis City, ele e sua família sofrem com a ausência de asfalto em sua rua. Outra semelhança é o mato alto nas proximidades da sua casa, que se torna esconderijo de marginais.

Antônio Justino narra que na época das chuvas, as crianças que moram na rua são obrigadas a revestir saco de lixo nos sapatos, para que não entre lama dentro dos calçados. “É uma tristeza só, fica difícil até de sair de carro”, lamenta.

Ele reclama também, assim

como os moradores da III Etapa do Anápolis City, da falta de segurança. “Entraram na minha casa para roubar o meu televisor em plena três horas da tarde. É um absurdo a insegurança neste local”, denuncia.

O morador conta que na última semana, um dos moradores do bairro, colheu algumas assinaturas para fazer um abaixo assinado a ser encaminhado à Brasília, com o objetivo de sensibilizar o governo federal quanto à realidade do bairro. “Agora estamos aguardando a resposta”, diz.

Poeira e lama também são os pesadelos de Terezinha Lopes, que trabalha na mercearia do filho, no Bairro Escala, próximo a Vila Jaiara. Ela que sofre com a ausência de asfalto na rua Fontinele, destaca também a insegurança e cita que recentemente o estabelecimento foi assaltado.

Jovino Pereira de Souza, que também reside na rua, lamenta a falta da rede de esgoto, do asfalto e de policiamento. Segundo ele, existem promessas de beneficiar a região, mas, elas nunca são concretizadas. “São tantos os problemas, que preciso de um papel para enumerar”, brinca.

“Estamos fazendo tudo que é possível”

Na ocasião da assinatura, na manhã de segunda-feira, 11, da ordem de serviço do Programa de Pavimentação nos Bairros de Anápolis, o prefeito Pedro Sahium foi enfático: “estamos fazendo o que é do nosso alcance”. Dessa forma ele mandou recado aqueles moradores que sofrem com a falta de pavimentação.

Mas, pelo menos alguns moradores serão beneficiados. Durante o evento, que aconteceu na Rua Cantor Sinhozinho esquina com Rua Mirage, no Bairro Polocentro, os moradores puderam ouvir do próprio prefeito que as obras de asfaltamento de algumas ruas teriam início de forma imediata.

O programa, que também inclui construção de galerias de águas pluviais

e outros serviços, conta com recursos superiores a R\$ 5 milhões. Inicialmente, serão pavimentados, além do Polocentro, o Parque São João, Residencial Giovanni Braga, Residencial Arco Íris, Jardim São Paulo, Santa Clara, Promissão e Itamaraty - 2ª Etapa.

Segundo o secretário municipal de Desenvolvimento Urbano Sustentável, Fábio Maurício Corrêa, o programa terá início no Bairro Polocentro I e II Etapas e irá priorizar as linhas de ônibus. Para o prefeito Pedro Sahium trata-se de mais um benefício para a comunidade destes bairros, que esperavam há anos pela pavimentação. “É um anseio antigo dos moradores. Há pessoas que moram aqui há 45 anos”, declarou.

Secretária na China, Sindicato na rua

Enquanto a secretária de Educação, Marisa Espíndola, viaja para a China e Índia, acompanhada de uma comitiva da Associação Educativa Evangélica, com o objetivo de conhecer o sistema de educação daqueles países, os professores da rede municipal ameaçam entrar em greve e promovem manifestação em Anápolis. Eles apresentam a população um documento que prova que pelo saldo total do primeiro quadrimestre de 2007 é possível uma reposição salarial de 56,27%.

De acordo com o estudo feito pela Comissão de Negociação do Sindicato dos Professores da Rede Municipal de Ensino de Anápolis, de janeiro a abril, proveniente do Fundef/Fundeb registrou-se uma entrada total de R\$ 11.560.992,93. Ainda segundo o estudo, que cita como fonte o Tribunal de Contas do Município, a quantia prevista para os meses de janeiro a abril era de R\$ 7.478.826,43, sendo o repasse de R\$ 4.854.174,61, o que gera uma diferença de R\$ 2.624.651,82.

Os dados demonstram ainda, tendo como fonte a Semect, que a saída de janeiro a abril resultou em um total de R\$ 1.670.392,93. Apresenta tam-

bém que os saldos dos meses de janeiro a abril resultaram em R\$ 6.856.129,69, sendo que o mês de janeiro teve um saldo de R\$ 2.112.992,23, seguido de R\$ 2.527.985,81 em fevereiro.

O Sindicato apresenta outro cálculo que se refere a ‘Tabela Salarial’, que se refere a valores corrigidos em percentuais no intervalo de 2003 a 2006. O quadro diz que o percentual de defasagem no período de 1998 a 2003 foi de 104%, e que os valores acumulados já repostos corresponde a 55,5%.

Segundo a pauta de reuniões do Sindicato, no próximo dia 21 a Comissão de Negociação se encontra com membros da Prefeitura para tentar mais uma vez o diálogo. E no dia 27 acontece uma Assembléia que vai decidir se os professores entram ou não em greve.

MANIFESTAÇÃO

Na última quarta-feira, uma manifestação nas principais ruas do centro da cidade demonstrou a insatisfação dos professores, que acusaram a secretária Marisa Espíndola de negar o repasse de informações ao Sindicato e documentos solicitados. “Recebemos papéis sem assi-

natura e sem timbre, que não tem nenhum valor”, disse um manifestante.

Outro professor reclamou que a secretária declarou em veículos de comunicação que considera os membros do sindicato “irresponsáveis”. “Ao falar isso ela quebra o diálogo com a gente, por isso decidimos paralisar por um dia. É nossa forma de protestar contra essa falta de respeito”, criticou.

Os professores disseram ainda que lutam há muito tempo pela reposição salarial, e que acham “absurdo querer negociar e a secretária bater as portas, mandar ofício, inibindo o professor a participar da manifestação”. “Isso é uma agressão a dignidade do professor”, destacou.

Durante o movimento os professores apresentaram ainda que a maioria deles recebe de R\$ 400 a R\$ 600 e enfatizaram que a reposição se refere a um acordo feito com o prefeito em 2004, de repor os 104% defasados com o passar dos anos, especificamente 31% para PI e 39% para os demais. “Sabemos que em uma negociação se pede um valor acima, para como o próprio nome disse, negociar. Mas, o que nos entristece é a



DURANTE A manifestação, os professores cobraram a reposição salarial e criticaram a secretária Marisa Espíndola

declaração da secretária de que não haverá aumento nenhum”, disseram.

Os sindicalistas ressaltaram também as condições precárias dos professores, que para conseguir manter o sustento têm que trabalhar durante todo o dia, e não têm tempo nem mesmo para o planejamento de aulas, o que conseqüentemente influencia na precariedade do ensino.

JUSTIFICATIVA

Na última semana, a se-

cretária Marisa Espíndola declarou que havia se reunido com os membros do Sindicato e apresentado a impossibilidade de dar aumento. “Qualquer aumento na folha é um prejuízo para os próprios funcionários da educação, pois já usamos parte do recurso do mês subsequente para pagar a folha anterior, se conceder aumento vamos criar uma bola de neve”, informou.

Segundo ela, se utilizar essa verba do próximo mês, no final do ano o problema será de di-

ficil solução. A secretária disse ainda que os recursos são previstos anualmente e apresentou cálculos para destacar que não se pode fazer projeção de gastos maior.

Marisa Espíndola reafirmou que não há possibilidades de “terminar o ano gastando mais do que se ganha”, mesmo porque, segundo ela, “as leis são muito rigorosas, não se pode gastar além da arrecadação”. “Já respondi isso ao sindicato e agora e vou passar por escrito”, prometeu.